

TEMPO DE AMAR

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOLUME IV

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068
2021
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- A musa Vênus, por Ana Campos, pág. 05**
O amor e o pecado, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 07
Assalto, por Cláudia Aparecida de Souza Ferreira, pág. 09
Uma noite de tempestade, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 11
Convocação para Ana Luiza, por El Poeta, pág. 15
Tempo de amar, por Ícaro Uriel Brito França, pág. 17
Advento de Natal, por Jeany Borges e Silva Ribeiro, pág. 19
Evangelização com Maria, por Jeany Borges e Silva Ribeiro, pág. 21
Presépio de Natal, por Jeany Borges e Silva Ribeiro, pág. 23
Ai que saudade do amor..., por Raquel Brito, pág. 25
Indiferença, por Raquel Brito, pág. 27
Transcender, por Raquel Brito, pág. 29
Possuo-te, por Raquel Pereira Carvalho, pág. 31
Deliciados, por Raquel Pereira Carvalho, pág. 33
A flecha mais poderosa, Por Roberto Schima, pág. 35
Amigos, por Wanda Rop, pág. 40
Amor do além, por Wanda Rop, pág. 42
Delírio, por Wanda Rop, pág. 44
Conheça outros títulos da coleção, pág. 46

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.facebook.com/conexaoliteratura





Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção.

— Antoine de Saint-Exupéry



APRESENTAMOS O POEMA

A MUSA VÊNUS

Por Ana Campos

Sobre a autora: Ana Campos, nascida em Sete Lagoas, Minas Gerais, formada em Odontologia e Doutora em Saúde Coletiva; professora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, Pará; Embaixadora da Região Norte do Movimento Parent in Science. Poeta e cronista; mãe e cientista. Autora do livro de poesias "Uma carta de pai para filha" publicado pela Editora Viseu (2020).

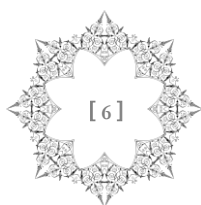
Dona de muitos sentimentos
Moça de belas feições
Amiga de todos os momentos
Que aquece os corações

Repleta de carinhos
Deixará saudades
Abrindo os caminhos
De diversas verdades

Completa de amor
Deixará loucos beijos
Provocando desejos
De diversos sabores

Contido nesse canto
Cheio de encantos
Existe uma linda jovem
Que os traços comovem.

Essas mulheres Vênus
Cheias de vida e beleza
Haverá melhor presente?
Musas da vida, as essências do universo.





APRESENTAMOS O POEMA
O AMOR E O PECADO

Por André Luiz Martins de Almeida

Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e no estado do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo", pela Drago Editorial em 2019.

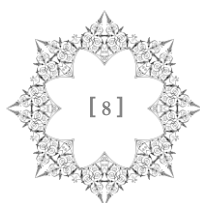
ÉROS era tido como o amor pecaminoso.
O amor na forma do pecado e criminoso.
Tem uma relação direta com o adultério e libidinoso.

O amor que libera o sexo na prostituição.
Servia de base para transformar o menino em homem, na sua constituição.
Como uma forma de desculpa para uma competição.

O amor é vida, e o pecado traz morte repetidamente.
O **ÉROS** controla o seu instinto, que está hávidamente,
Por querer consumir o sexo inconsequentemente.

O amor sexual não é o pecado original.
O amor sexual gera vida, se em pecado é ato criminal.
Gera conflitos, brigas e a morte é o terminal.

O amor e o pecado são antagônicos e adversos.
São contrários entre si, com resultados inversos.
Tenho o dever de informar a verdade, nos meus versos.





APRESENTAMOS O POEMA

ASSALTO

Por Cláudia Aparecida de Souza Ferreira

Sobre a autora: Nascida no dia 28 de outubro de 1980, no Rio de Janeiro. Filha de Vilma Fatima de Souza Ferreira e Osório José Ferreira. Casada com Bernardo Martins e mãe de Pedro, Eduardo e Rodrigo. Agente Cultural, Arquiteta e Urbanista e Marítima. Amante da escrita e das poesias desde jovem.

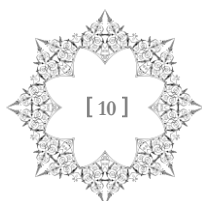
Em 2017, participou como Estudante Extensionista Voluntário no Projeto Intervenções Poéticas onde jovens estudantes de colégios públicos eram incentivados a produzir poesias.

Estava andando na avenida,
Com a esperança e o amor,
Era livre a caminhada,
A sorte estava ao seu dispor.

Pequenas pedras machucavam,
Com tanto a realizar,
Quando um ousava em cair
Outro não o deixava deslizar.

Toda fé,
Toda harmonia e compreensão,
O caminho era longo e tortuoso
Mas nada abatia a canção.

Foi na esquina desta estrada,
Foi no lance à contramão,
Foi no olhar desajeitado
Que perderam-se as mãos.





APRESENTAMOS O CONTO
UMA NOITE DE TEMPESTADE

Por Clayton Alexandre Zocarato

Sobre o autor: Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: [Clayton.Zocarato](https://www.instagram.com/Clayton.Zocarato)

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

Ele estava rolando de um lado para outro na cama há dias. Queria fazer de tudo para esquecer, mas a única coisa que sentia, era querer ela cada vez mais.

Lá a fora a tempestade, em sua cama, desaguava muita vontade.

O Travesseiro estava todo molhado, por um suor cheio de fervor, em busca de seu amor.

Mas que amor?

Imaginava por entre imagens desconcertantes, que sua princesa iria entrar por seus aposentos, com um toque suave em ser acompanhada por querubins, que por entre folhas de eucaliptos, proporcionado um cheiro de suavidade, que assim nos atos mais doces do seu pensamento pudesse livrar, de qualquer tipo de tormento.

A solidão era uma realidade, em brevidades de paixões, onde havia muitas comoções, sonhando com ninfas paradisíacas que matassem uma saudade, que era como um câncer emocional preso por entre suas entranhas, e que a cada manhã, reproduzia novos alvoreceres de amores, que ficavam remoendo, toda a sua razão, que sem nenhum tipo de comoção, levavam-no para a loucura, de buscar uma ternura de imaginações, passadas, que foram traçadas em muitas tragédias domésticas, vivenciada a dois.

As suas quimeras de melancolias ficavam em olhar o retrato dela, que assim que fizesse conter algum tipo de amor, onde a recordação de cada noite tempestuosa estava sendo mantida, por entre cunhos de sempre assim, fazer crescer lembranças que ficavam fazendo-o girar de um lado para outro na cama.

Acende um cigarro, as cinzas vão suando a cor de um lençol amarelado do desleixo, e ficando como uma forte impressão de realçar lágrimas secas, onde desesperadamente gritava seu nome de maneira silenciosa, em um cio psicótico sem fim, que enfocava uma declaração de amor sincera que nunca foi dita pelos seus lábios.

Queria poder em cada baforada, deslizar sua língua por entre seu rosto, revelando assim toda a sua volúpia, que foi silenciada por madrugadas, onde seu corpo abandonado, sentindo o peso da solidão fosse sendo aquecido, por uma espiritualidade, redesenhando uma nova forma de dizer que a amava e a desejava mais do que tudo.

A chuva, entrelaçada com raios, deixava um barulhinho frenético, de uma bagunça em tentar reordenar sua consciência, diante a indecência, de se arrepender da sua decisão precipitada em abandoná-la.

Nunca devia ter a deixado ir, sem poder ter pronunciado, o quanto era importante em sua vida.

E que em cada amargura, havia uma litografia, de a cada novo anoitecer, sentar-se diante sua velha mobília, e tomar um vinho, com gosto de sangue, onde a sua falta, transpassava sua alma.

Tinha sido amado, mas depois de escolher seu orgulho devastador de manter, uma postura inabalável para a sociedade, saberia que pelos anos seguintes, as noites de tempestades seriam um aprendizado difícil de lidar, gerando um sofrimento que foi aos poucos o corroendo, por entre suas vaidades, que passaram a serem subjetividades, do senso-comum, onde passaria a existir somente um corpo, se misturando, por entre a

invisibilidade de sentimentos que foram plenamente correspondidos, mas que agora era um nada que faz com que a sua vida, se direcione, por entre ferveras de um coração partido, e que se sentia ornamentado a conviver somente consigo mesmo.

O cigarro vai sendo consumido, mas sua ansiedade, produz um suador infinito, reproduzindo tremores, que só seriam saciados por uma nova dose de psicotrópicos.

Fazia semanas que, estava em um estado pleno de agitação emocional implacável, onde sua lucidez foi sendo substituída por um imenso terreno de pessimismo, quanto a sair do seu claustro de frustração.

O vinho já tinha sido consumido por completo, e seu fígado estava comprometido por uma cirrose, acompanhado por uma esclerose, em conter lacunas de locução perceptiva, ao qual a sua conduta pessoal estava passando, mesmo dentro de quatro paredes, mitigadas por entre subúrbios imundos, onde estórias e amores não correspondidos escancaravam que a solidão, estava realizando uma encenação, a brincar com toda e qualquer tipo de espiritualidade concisa.

Mesmo mando-a desesperadamente embora, queria novamente poder sentir um gozo de sua carne, provocando um gemido, cheio de introyções de que em poucos minutos poderia tocar o céu, e voltar logo depois para o seu festival cotidiano de marmúrias.

Tinha prometido, não mais pagar para ter algum tipo de carinho.

Depois de cada ato pecaminoso com meretrizes baratas, o romantismo de estar abandonado a própria sorte voltava com mais intensidade.

A chuva aumenta sua velocidade.

Ele puxa mais um cigarro.

Continua olhando sua foto.

Passa o dedo indicador por entre sua face.

Pensa fazer uma prece.

Quem sabe Deus o ajudaria conseguir, ela de volta.

Mas era um agnóstico convicto, e não iria dar esse gostinho de se ajoelhar perante o que sempre duvidou.

Teria que enfrentar todo aquele dilema sozinho.

Já não fazia mais nenhuma distinção entre o que seria sonho, pensamento ou loucura.

Mas fazia da sua loucura, em não aceitar o fim de um relacionamento de oito anos, o propulsor de sempre acordar e ficar vegetando, por entre paredes mofadas soltando sua tinta fosca que sujavam mais ainda mais seu precário aposento, depois que foi despejado do seu condomínio residencial granfino, devido aos constantes porres e falta de pagamento da hipoteca, que o levaram para o *“buraco”*.

Queria poder, reconstruir, o que não conseguiu retribuir de maneira sensata.

A chuva continua com mais força.

Para ele, faltava vontade de continuar a viver, sendo que só sentia um querer, que o faz sofrer, por entre delineações de envolver o seu *“eu”*, por um redemoinho mental alucinado, de não conseguir esquecer-la.

Esquecer? Ou deixar de viver? E assim estava apodrecendo de tanto querer.

Queria que toda aquela água o levasse para qualquer rio por aí, e que assim o afundasse envolvido por águas escuras de toda a frustração amorosa, que não o deixava em paz.

Raios e trovões faziam sua paranóia, ficar cada vez mais afluentes.

Já não conseguia conter mais nenhum tipo de esclarecimento sóbrio.

Percebia que a tempestade estava longe de acabar.

Depois do ato seu final existencial em si, as marcas da chuva, testemunhariam, o termino de noites cheias de tédio.

Afinal, para que existiria esse tal amor?

Seu poder é de enlouquecer, mas também de envolver um querer, em transpassar o incomum, se destinando em buscar mesmo que por alguns segundos, tocar o Éden da imortalidade, que somente o mais belo e maldito dos sentimentos poderia fazer.

Essa noite de Tempestade seria também seu último madrigal.

E ainda olhando seu velho retrato de noivado, ele já tinha tomado sua decisão.

Seria algo rápido, limpo e silencioso.

Respirou fundo e encheu mais uma taça de vinho.

Tomou-a lentamente.

Assim junto com sua decisão foi acalmando seus nervos.

A chuva torrencial também começou a apresentar uma trégua.

Caminhou até a sua varanda e, viu que as nuvens estavam menos nervosas, e uma fina garoa estava, a cair, para contemplar aquele momento crucial.

Não haveria mais reclamações ou arrependimentos.

Tudo ficaria para sempre em um limbo de esquecimento, em que a cada nova chuva, faria uma alusão para não haver mais sofrimento, fazendo surgir mais reflexões sobre, os desígnios do seu coração.

Seu vazio já não teria mais nenhum esguio.

Lentamente com o retrato que tanto contemplou em mãos, começa a passar lentamente seu indicador pela última vez na sua imagem opaca.

Seu choro é contido, mas profundo.

Dentro de poucos instantes tudo estaria finalizado, testemunhando apreciados nutrientes fantasmagóricos de não mais bajular nenhuma recordação, que lhe trazia unicamente aflição.

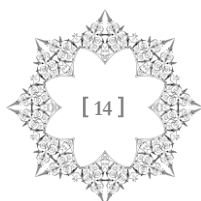
Se inspirou de uma coragem visceral.

O momento seria agora.

Depois do fim da tempestade, suas temeridades acabariam para sempre, e continuando a olhar o retrato, arremessa-o por entre a janela, despedaçando a única estética que o fazia conter alucinações intermináveis de um passado, que agora estava para sempre sepultado.

Não mais ficaria se martirizando por aquela imagem, e as noites de inundações de traições de juramentos amorosos não cumpridos, nunca mais iriam voltar a para ressentir uma ternura ingrata, que estaria sepultada por toda a eternidade, sendo levada pela enxurrada.

A tempestade passou, e um novo tempo se anunciou, e ele finalmente se reinventou.



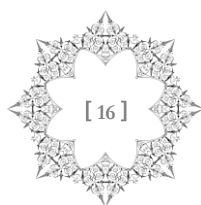


APRESENTAMOS O POEMA
CONVOCAÇÃO PARA ANA LUIZA

Por El Poeta

Sobre o autor: Jovem escritor antenado com os novos tempos, mantém publicação regular de textos em sites como Recanto das Letras, Garganta da Serpente, entre outros e estou construindo um blog com meus textos chamado Diário de Bordo onde disponibilizo textos contemplados em classificações para importantes antologias como a notável Antologia da Camara Brasileira de Jovens Escritores em 08 ocasiões, contando com premiações em vários concursos literários importantes como uma bela menção honrosa em 2008 no Concurso Internacional da APALA (ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE LITERATURA) e mais recentemente menção honrosa no Concurso Internacionalizando o Jovem Escritor.

Ei, minha querida gata
É tempo de amar, mas amar sem compromisso
Um lancinho descontraído, onde nossas bocas podem dividir o mesmo espaço
Dividir o mesmo beijo delicioso
Ei, minha gata
É Tempo de amar, mas sem se apegar
É tempo de ficar por um dia e dividir o mesmo desejo
E terminar a noite com cada um para seu lado
E cada qual com sua lembrança
E cada qual com seu sentimento
Ei, minha deliciosa
É tempo de amar, mas sem namorar
É dizer eu te amo sem amar
É sentir teu calor sem poder te ter por completo
É tempo de amar, amar uma baladeira
E sentir o gostinho da aventura
Sem eira nem beira
De dois jovens que esperam nada do amor,
Mas querem o amor
Sobretudo eu, que sonho com seu corpo Ana Luiza
Que sonho com seu calor Ana Luiza
Que quero lhe despir Ana Luiza
Que quero lhe possuir Ana Luiza
Que quero dizer coisas de filme no seu ouvido
Que quero explorar seu cangote e despertar à fêmea que existe em ti
Ana Luiza venha para meu encontro
Ana Luiza venha para minha cama redonda
Ana Luiza venha gozar... momentos inesquecíveis...
Ana Luiza venha sentir-me... por horas intangíveis...
Onde nem eu sei o que posso fazer com seu melzinho do amor:
Ana Luiza minha sildenafil natural
Que eu tomo como pílula
Para tomar coragem e lhe dizer
Como toda noite você me toma fenomenal
Como um anja sedutora que me faz descer aos mais doces pecados
E imergir de corpo e alma em você todinha
Ana Luiza te convoco gatinha...
Para uma lua de mel de carnaval
Para uma bodas de brincadeira
Em um matrimônio que desce a ladeira
Deste sentimento banal
Que nutro por ti Ana Luiza!





APRESENTAMOS O POEMA

TEMPO DE AMAR

Por Ícaro Uriel Brito França

Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em Direito pela Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba (Facthus), em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade, Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.

O amor é tão estranho!
Quem nunca disse sofrer por tal sentimento?
Como disse um trovador solitário em seu sonho:
Amor não faz sofrer, tal seja este o alento!

A boca, o corpo diz amar, mas a alma, esta o vê tacanho.
Já teve certeza de conhecer o amor sem um gatiminho?
Que faz doer sem sentir, sem balbuciar nenhum lamento?

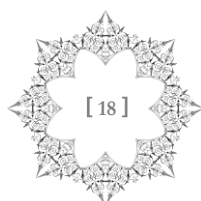
Numa ardência em chamas a queimar em dor de anestesia e ensanho.
Que encendeia núpcias de carnes descompostas em torpor enfadonho.
Num estar preso por vontade.
Num confronto libertino entre liberdade e lealdade.
Pena ser tão passageira na rotina rotineira da esperada tempestade.

No fim da Galáxia de flechas de Eros,
A verdadeira senhora do destino - a rotina;
Irá vencer, num gélido oceano de esparsas carícias de coito sem gozo.
Em sentimentos congelados por entreveros.
Que a mente desatina,
Em costumeiro contato frio e mancozo.

No fim, da carta dos Enamorados não mais entrelaçados.
Avista-se a Torre de tendências egoístas e egocêntricas entre os mesmos.
Surgindo entremeio de estrelas obstaculadas entre Sol e Lua.
Num julgamento final por linhas de traços mal traçados.
O Mundo tornou-se pequeno aos mesmos.

Entreolham-se e enxergam, um no outro, o reflexo de estranhos.
Como num Tarot infortúnio, a sorte findou-se.
E o amor, eterno como o sopro de ventos de Zephyrus em noites de sonhos.
Numa noite sem luar, o sentimento aniquilou-se.

Tudo tem finitude, assim como o sentimento.
Pois, findou-se o tempo de amar!





APRESENTAMOS O POEMA

ADVENTO DE NATAL

Por Jeany Borges e Silva Ribeiro

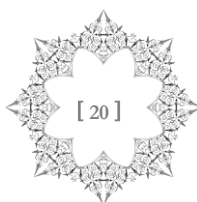
Sobre a autora: Jeany Borges é médica endoscopista, mora em Teresina-Piauí, mãe de dois filhos, Estêvão e Ester, casada com Djalma Ribeiro. Com muita sensibilidade e amor, nas horas vagas gosta de escrever poesias e literatura infantil. Em 2020, publicou seu primeiro livro: "Poesias do coração" e em 2021 o livro infantil "As Palavrinhas mágicas".

O que é o Advento de Natal?
De repente, algo nos invade o coração.
É um tempo de preparação e de perdão!
É tanta emoção!

É tempo de gratidão
Por nossos ancestrais,
Pelos anjos na nossa vida,
Benfeitores encarnados e espirituais!

É tempo de modificar,
É tempo de transformar,
É tempo de fazer o bem,
É tempo de amar!

É tempo de refletir
Onde podemos melhorar.
É tempo de aprender com Jesus
A ser luz onde quer que a gente vá





APRESENTAMOS O POEMA
EVANGELIZAÇÃO COM MARIA

Por Jeany Borges e Silva Ribeiro

Sobre a autora: Jeany Borges é médica endoscopista, mora em Teresina-Piauí, mãe de dois filhos, Estêvão e Ester, casada com Djalma Ribeiro. Com muita sensibilidade e amor, nas horas vagas gosta de escrever poesias e literatura infantil. Em 2020, publicou seu primeiro livro: "Poesias do coração" e em 2021 o livro infantil "As Palavrinhas mágicas".

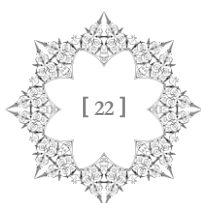
Maria da Nazaré,
Maria que nos traz luz!
Obrigada, minha mãezinha,
Por nos trazer Jesus

Debaixo da mangueira da FEMARIA*,
Aprendemos o evangelho redivivo.
Palavras lindas ouvimos com alegria,
E a ter pensamento positivo.

Nessa escola de almas,
aprendemos a agradecer.
Tornarmos pessoas mais calmas
E com o evangelho crescer.

Do ventre ao velho,
Transformamos o solo em terra boa!
É só um o ensinamento do evangelho:
Trabalha, ama serve e perdoa.

*FEMARIA: FUNDAÇÃO ESPÍRITA MARIA DE NAZARÉ





APRESENTAMOS O POEMA
PRESEPIO DE NATAL

Por Jeany Borges e Silva Ribeiro

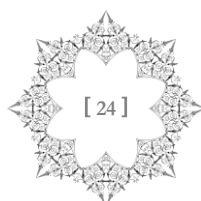
Sobre a autora: Jeany Borges é médica endoscopista, mora em Teresina-Piauí, mãe de dois filhos, Estêvão e Ester, casada com Djalma Ribeiro. Com muita sensibilidade e amor, nas horas vagas gosta de escrever poesias e literatura infantil. Em 2020, publicou seu primeiro livro: "Poesias do coração" e em 2021 o livro infantil "As Palavrinhas mágicas".

Há mais de dois mil anos,
Jesus veio ao mundo.
Trouxe para nós humanos,
Um ensinamento profundo!

Veio com muita humildade,
Entre animais, nasceu em uma manjedoura.
Em meio a tanta dificuldade,
Trouxe uma mensagem de amor duradoura!

Com a força de Maria e José,
No céu a estrela brilhou.
Numa noite de muita fé,
O nosso Salvador chegou!

Meu presépio está no coração
E todo dia eu devo entender:
Que é amando o meu irmão,
Que Jesus, em mim, irá renascer!





APRESENTAMOS O POEMA
AI QUE SAUDADE DO AMOR...

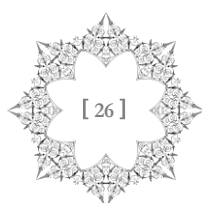
Por Raquel Brito

Sobre a autora: Raquel Brito de Lima Melo nasceu em 26 de fevereiro de 1985 na cidade de Currais Novos Rio Grande do Norte, mas cresceu e viveu toda a sua infância na cidade de Cerro Corá RN, é filha de Josefa Romana Brito de Lima e de Vicente Ferreira de Lima, cujos pais tiveram quatro filhos sendo ela a caçula da família. Possui uma grande sensibilidade poética e escreve poesias, contos e cordéis desde criança. Esta forte inspiração se revela até hoje pelo gosto pela leitura, pela arte e pela literatura. É graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) e ressignifica em seu trabalho o gosto e o incentivo aos seus alunos pela leitura e poesia como fonte de inspiração do ser e da alma.

Ai que saudade do amor
E da leveza do olhar entrelaçado
Do beijo ardente e corado
No desejo envolvido no abraço
No suspiro ao toque entre as mãos
Sentindo a vida com asas do coração

Assim livre tal qual brisa
Que ao vento encanta
No despertar íntimo
Entre o fogo e a brasa
Da memória entre os sonhos
Uma lembrança!
Das frases soltas e emudecidas
Que a emoção cala.

Entre risos estupefatos e apaixonados
Na vasta pureza do primeiro encontro
Emergidos e flutuantes em rendição
Na vontade doce e singela
De enamorar e aquecer um coração.





APRESENTAMOS O POEMA

INDIFERENÇA

Por Raquel Brito

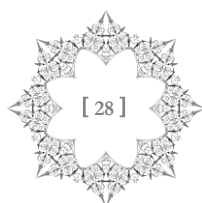
Sobre a autora: Raquel Brito de Lima Melo nasceu em 26 de fevereiro de 1985 na cidade de Currais Novos Rio Grande do Norte, mas cresceu e viveu toda a sua infância na cidade de Cerro Corá RN, é filha de Josefa Romana Brito de Lima e de Vicente Ferreira de Lima, cujos pais tiveram quatro filhos sendo ela a caçula da família. Possui uma grande sensibilidade poética e escreve poesias, contos e cordéis desde criança. Esta forte inspiração se revela até hoje pelo gosto pela leitura, pela arte e pela literatura. É graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) e ressignifica em seu trabalho o gosto e o incentivo aos seus alunos pela leitura e poesia como fonte de inspiração do ser e da alma.

Errante prendi me a indiferença
Em uma fuga misturada de tristezas
Ao toque da felicidade em segundos
Ao desejo de um olhar inefável
Atraído por tão grande beleza

Na negação do que em mim habita
Na complicação e indecisão
Que em mim invade
Induzido e aninhado de carinho
No recôndito hostil da amizade

No tocante ao fogo quimérico
Que o desejo impera
No sonho entrelaçado
Entre um corpo
Da figura magnífica da donzela

Entre a sombra e a inocência
Me desfaço na fantasia
Do ser inexistente
Que há muito sonhei
Em meus braços.





APRESENTAMOS O POEMA

TRANSCENDER

Por Raquel Brito

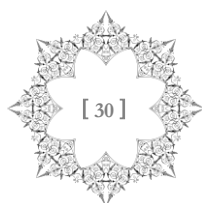
Sobre a autora: Raquel Brito de Lima Melo nasceu em 26 de fevereiro de 1985 na cidade de Currais Novos Rio Grande do Norte, mas cresceu e viveu toda a sua infância na cidade de Cerro Corá RN, é filha de Josefa Romana Brito de Lima e de Vicente Ferreira de Lima, cujos pais tiveram quatro filhos sendo ela a caçula da família. Possui uma grande sensibilidade poética e escreve poesias, contos e cordéis desde criança. Esta forte inspiração se revela até hoje pelo gosto pela leitura, pela arte e pela literatura. É graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) e ressignifica em seu trabalho o gosto e o incentivo aos seus alunos pela leitura e poesia como fonte de inspiração do ser e da alma.

A verdade que em mim invade
Transcende o meu eu infinito
Coroadado de verdade
De instinto e emoção

Do que me inflama
Que por vez sufoco
A angustia de minha alma
Presas as verdades
De tolas mentiras

E hoje liberto!
No estonteante eco
Da voz ressonante
Que o meu peito ecoa
Martirizado na fragilidade
Do meu grito.

Do complexo esquecido
Dissolvido pela razão
Me tornando fonte
De mim mesma
Ressurgindo em força
E libertação.





APRESENTAMOS O POEMA

POSSUO-TE

Por Raquel Pereira Carvalho

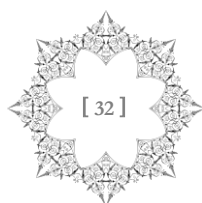
Sobre a autora: Raquel Pereira Carvalho, mãe, esposa, securitária, contadora de histórias, escritora. Despertei o desejo de escrever ao frequentar bibliotecas e saraus no subúrbio carioca, sendo convidada para um projeto de narração de histórias para o público infanto-juvenil e participando de diversas antologias. Não tenho uma fórmula ou um padrão preestabelecido. Construindo com o cotidiano uma jornada pessoal evolutiva na arte de Palavrear, que é um diário, um bate-papo para ampliar os espaços e vaguear na arte de exercitar a minha palavra, de forma coloquial, lírica e prosaica. Participei de diversas antologias, são elas : Inspirações Poéticas, A vida em poesia, e Ode ao tempo todas elas publicadas pela Editora Lura Editorial. Crônicas da manhã , Lura Editorial, Aldravias Escritas em Outono, pela Editora Versejar e Taverna Poética também pela Versejar. Poesia Brasileira e sua essencialidade pela Editora Arte da Palavra.

Possuo – te em ternura concreta
Tão grande como a amplitude do mundo
E tão quente como um dia de verão
Assim é o meu amor

Onde minha respiração é ofegante
E procura tua boca quente
Acho te fruto de meus desejos
Pão e Água
Cama e Mesa
Amo te como
Veu no mês de maio
Como puta em randenz vous

Eu sei que há diferenças
Por isso somos tão completos
O sol confirma o milagre das estrelas

Acho-te na cama desferrada
Na noite, no sol, na chuva
Nas passadas solitárias na calçada
No bando das gaivotas que aprenderam a voar
No sexo das águias
No processo de se regenerar como estrela do mar
Assim é o nosso amor...
Essencial





APRESENTAMOS O POEMA

DELICIADOS

Por Raquel Pereira Carvalho

Sobre a autora: Raquel Pereira Carvalho, mãe, esposa, securitária, contadora de histórias, escritora. Despertei o desejo de escrever ao frequentar bibliotecas e saraus no subúrbio carioca, sendo convidada para um projeto de narração de histórias para o público infanto-juvenil e participando de diversas antologias. Não tenho uma fórmula ou um padrão preestabelecido. Construindo com o cotidiano uma jornada pessoal evolutiva na arte de Palavrear, que é um diário, um bate-papo para ampliar os espaços e vaguear na arte de exercitar a minha palavra, de forma coloquial, lírica e prosaica. Participei de diversas antologias, são elas : Inspirações Poéticas, A vida em poesia, e Ode ao tempo todas elas publicadas pela Editora Lura Editorial. Crônicas da manhã , Lura Editorial, Aldravias Escritas em Outono, pela Editora Versejar e Taverna Poética também pela Versejar. Poesia Brasileira e sua essencialidade pela Editora Arte da Palavra.

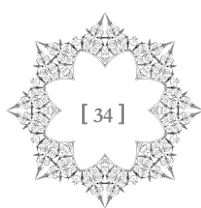
A alma tangente pulsante
Em mente pensante
A alma se inebria...

O que é imaginário
O que é fantasia

No chão de pedras
No céu de nuvens
Tua imagem me extasia
Puro tesão...

Quebramos à cama
Cozinhamos feijão

Em frente ao poço dos desejos
Ainda me restam três moedas...





APRESENTAMOS O CONTO
A FLECHA MAIS PODEROSA

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

*E*u sempre fui inconsequente, reconheço.

Como poderia deixar de ser? Enquanto filho de deuses, eu sou um deus! E nós sempre nos caracterizamos por uma certa prepotência, principalmente em relação aos mortais. Eles sempre foram para nós como peças em um jogo de tabuleiro, as quais movíamos ao nosso bel-prazer, sem medirmos as consequências, pelo contrário, ansiosos por saber quais seriam.

Sou Cupido! Sim, o anjo pagão; filho de Vênus, a deusa do amor e Marte, o deus da guerra.

Como poderia deixar de ser alguém impetuoso, travesso e inquieto? Sou fruto de duas forças poderosas e antagônicas aprisionadas num corpo franzino, mas de ímpar beleza. Ah, sim, mais esse detalhe. Não bastasse a minha origem divina e o par de asas às costas, fui agraciado com um rosto de traços incomparáveis. Digo isso num misto de vaidade frívola e mero reconhecimento de um fato, pois tal qualidade não é um mérito meu, mas obra do destino. Até o ardiloso Júpiter, o maior de todos os jogadores, tentou livrar-se de mim, como se suas adúlteras conquistas fossem responsabilidade exclusivamente minha e não frutos de sua luxúria. Bem, posso ter influenciado de vez em quando... Talvez mais do que isso!

Eu cresci alimentado pelo leite de animais selvagens. Desde criança adorava disparar minhas setas sobre os incautos, fazendo-os se apaixonar; unindo os improváveis para, depois, apreciar o que viria a seguir. Irônico ter sido eu vítima de meus próprios poderes, justiça poética talvez.

Mas isso é outra história e não o cerne do que pretendo contar.

Não se trata de um épico passado nas incontáveis ilhas gregas, no Peloponeso, nas águas do Egeu ou nas Termópilas. Em verdade, constituiu-se somente num breve intervalo de tempo, insuficiente para Homero compor sequer uma única folha de seus poemas. Mas foi um momento que afetou-me com tamanha pungência que, devo confessar, fez deitar por terra a minha arrogância e conceitos.

Eu sempre me julguei responsável pelas paixões e o amor despertado entre deuses e mortais.

Um dia, sobrevoava uma cidade vazia. O mundo mudara muito desde os tempos de glória e bravura. O que ganhara em progresso, perdera em beleza e contemplação. O cinismo e o ceticismo tomaram o lugar da adoração e dos cânticos. Vi altos edifícios em pavorosos tons cinzentos, vidros empoeirados e pouquíssimas árvores, quando não nenhuma. As ruas, cujo solo havia sido morto por uma espécie de argila negra, encontravam-se vazias. Carruagens sem cavalos que, habitualmente, infestariam aquelas alamedas, agora se ausentavam, estacionadas nas residências de seus proprietários ou à beira de estradas. Onde estavam todos? O que teria acontecido?

Então, num desses edifícios, havia aquilo que os mortais chamavam de portabalcão. Encontrava-se aberta. Através dela, avistei um homem e uma mulher. Curioso, voei até lá. Eram velhos. Ele estava sentado na extremidade do sofá, cabisbaixo; e ela, deitada com a cabeça repousada em seu colo. Uma das mãos do idoso afagava os cabelos da mulher e a outra jazia sobre as mãos dela. Eles não faziam nada. Somente encontravam-se ali, passíveis, estáticos, como se fossem estátuas de um templo em ruínas.

Diante deles, em uma mesinha, dezenas de fotografias esparramavam-se feito pétalas caídas.

Pousado na beirada da sacada, pus-me a observá-los.

Subitamente, farto de toda aquela inatividade, apanhei uma de minhas flechas e ajustei-a no arco. Ah, sim, iria incendiar aquele coração cansado e fazer o homem agarrar apaixonadamente a mulher como um sedento diante de uma ânfora de água fresca. Que divertido seria! Retesei o arco, fiz pontaria e atirei.

Atingi-o direto no coração, naturalmente, pois minha pontaria sempre fora soberba. Vi-o suspender a respiração naquele instante. Mas, então, algo ocorreu. A flecha encantada, em vez de permanecer cravada em seu peito, atravessou o ancião. Pareceu ser ele tão diáfano quanto Zéfiro, o mais gentil entre os ventos. Fiquei intrigado, e, mais ainda, ao perceber que ele continuou em sua quase imobilidade, em vez de cobrir a mulher de beijos e abraços. Indignado, tirei outra seta de minha aljava e disparei novamente. Acertei o alvo e, mais uma vez, o homem arfou, porém, o projétil trespassou seu corpo, desaparecendo no encosto do sofá as suas costas. Enfurecido, repeti o gesto várias vezes, obtendo o mesmo resultado.

Olhei ao redor, imaginando ser alguma brincadeira de Anteros, meu irmão, mas ele não estava lá.

Pulei para o interior da pequenina sala, perto do casal, o qual não poderia me ver, exceto se os dois fossem deuses. Hum, seriam divindades disfarçadas?

Não eram.

Continuei a estudá-los.

E foi assim, que, pouco depois, compreendi.

A mulher estava morta.

O velho, seu marido, tocava-lhe os cabelos de modo tão terno como eu jamais presenciara. Embora ela já tivesse sido levada pelo barqueiro através do Aqueronte até os portais de Hades, ele dirigia-lhe palavras tão carregadas de melancolia quanto as notas de Orfeu em sua lira.

— Oh, minha amada, que em criança conheci e desde criança amei, pois, embora fosse jovem demais para compreender e expressar em palavras, sabia, através do tremor em meu corpo e do gaguejar de minha voz que sempre seria única em minha vida.

"Juntos crescemos, brincamos, estudamos.

"Eu a vi sorrir, chorar, correr, saltar.

"Você sempre me descobria durante o esconde-esconde e eu sempre a deixava vencer na queda de braço. Gostava de sentir seus cabelos em meu rosto, cada vez que uma rajada de vento os soprava. Gostava de amarrar os cadarços de seus sapatos, ajoelhado feito um cavaleiro a seus pés. Gostava de carregar seus materiais de escola, por mais pesados que estivessem junto aos meus. Gostava de ouvir suas histórias de fantasma, embora o medo fizesse arrepiar minha pele.

"Crescemos juntos.

"Que triste foi quando, na adolescência, teve de estudar em outra cidade! Senti-me pela metade, vazio, sem chão. Meu sofrimento só foi amenizado ao ver em seus olhos que sentia o mesmo, todavia, logo o saber de sua dor somou-se a minha. A angústia dentro de mim era um misto de tortura e alegria por saber que, a seu modo, também me amava. Nas férias, passeamos às margens do rio, apanhamos seixos, observamos os insetos e os peixes. Folhas caíram sobre si e ali, sentada na relva, nunca a percebi tão linda. Foi nosso primeiro beijo. Uma promessa selada em lábios juvenis.

"Viemos para a capital frequentar o cursinho. Então, já formados e trabalhando, casamo-nos no final de um Outono, quando as folhas secas tornaram a chover das árvores; e as plantas, encolhidas, trouxeram a prenúncio de um florescer tardio. Ah, quantas ocasiões essas fotografias não registraram... Vieram os filhos. Eles também cresceram. Chegaram as rugas e, com elas, os netos. Tivemos nossos bons e maus momentos, mas sempre sobrepujamos ou contornamos os obstáculos.

"Eu sempre a amei, minha eterna namorada.

"E, agora, a pandemia levou-a para longe. O que posso dizer? Sua essência se foi e, com ela, o que existia de mais belo e importante para mim. O que sou eu agora? Apenas uma concha vazia, ansiando revê-la.

"Breve, minha querida, breve.

"Por fim, mais uma vez unidos, caminharemos lado a lado para o que houver além da eternidade."

Era por isso que a cidade e as ruas encontravam-se vazias. Uma moléstia terrível alastrara-se não somente naquele lugar, mas pelo mundo todo, até nas cercanias do Monte Olimpo. Populações foram dizimadas, vozes caladas, sonhos desfeitos, famílias dilaceradas.

Finalmente, mais do que tudo, após eóns de travessuras e inconseqüências, não obstante a loucura que se apossara de mim por minha bela Psiquê, entendi, de fato, o real e mais profundo significado do Amor. Um sentimento maior do que o desejo físico que tanto era idolatrado por deuses e homens na Antiguidade. Algo mais elevado do que o vigor da juventude. Feito de empatia, amizade, pequenos detalhes vividos em comum, cumplicidade, personalidades que se fundiam, tornando-se uma só, carne e unha, uma existência lado a lado, sofrimento e realização, carência e abundância, saúde e doença. Envelhecer juntos enfim. Compreendi que eu, Cupido, o deus do amor, nada sabia sobre esse sentimento.

Por isso, minhas flechas foram inúteis.

Aquele casal já tinham sido atingido havia muito tempo. Não por uma seta a feri-los no peito, mas pela união de suas almas que sequer a morte iria separar.

O idoso morreu pouco tempo depois, ainda cabisbaixo, acariciando os cabelos da esposa e sussurrando-lhe memórias de ternura.

Vi seu espírito desprender-se do corpo e flutuar diante de mim.

Sorri para ele.

Ele sorriu para mim.

Livre da matéria, voou veloz para a alma que lhe completava.

Sempre houve o Amor, o verdadeiro.

Ouso dizer: ele é anterior aos próprios deuses.

Sequer Vênus, minha mãe, cognominada a deusa do amor, compreendeu-o. Ela e o deus da guerra nunca o vivenciaram entre suas brigas e lascívia. E, confesso, sequer entre mim e Psiquê. Oh, sim, desejo-a como sempre a desejei desde o primeiro momento em que a vi, quando minha mãe, enciumada de sua beleza, pediu-me que a fizesse apaixonar-se pela criatura mais vil do mundo. Só não contava que eu próprio seria enfeitado pela princesa cujos encantos rivalizavam-se aos dos deuses. Implorei a Júpiter que fizesse dela uma deusa e ele atendeu ao meu apelo. Tenho uma dívida eterna com o rei dos deuses. Assim, Psiquê e eu pudemos nos casar.

Mas, agora, eu vejo... E pergunto-me: continuaria a amar minha doce Psiquê caso ela tivesse permanecido mortal, sujeita à investida do tempo, ver seu corpo murchar e sua vida esvaír-se? Estaria eu preparado para um amor que ignorava tal fragilidade do corpo e apegava-se a imortalidade das almas?

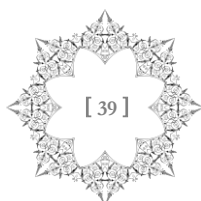
Não sei responder e nem pretendo.

Nesse mundo vazio de pessoas e tomado pelo desalento, espero que os mortais recebam a inspiração de Esculápio e superem sua terrível enfermidade, a pandemia. E continuem a ensinar aos deuses valores mais duradouros e profundos do que a nossa limitada vaidade consegue perceber.

O Amor que os une é uma flecha mais poderosa do que qualquer seta que eu possa disparar.

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi originalmente publicado na antologia "O Amor Está nas Nuvens", Editora Ruppell, 2020, organizada pela dedicada Flaviane Botelho, a quem eu costumava chamar de "Raposinha". A ela, o meu agradecimento.





APRESENTAMOS O POEMA

AMIGOS

Por Wanda Rop

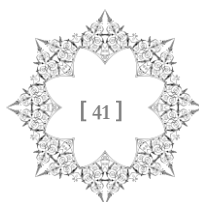
Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).

Há tanta beleza nos amigos
Que nem sabemos o que dizer
Eles são como irmãos
E não podem nos ver sofrer

Amigos são anjos no mundo
Que nos ajudam a levantar
Nos estendem a mão amiga
E muitos nos ensinam a amar

Não importa cor, idade, sexo ou religião
Posição social é ser amigo leal
Que podemos chamar de amigão
E viver ao lado dele algo especial

Meu coração reconhece
Um amigo quando o vê
Não me venha enganar
Pois já aprendi a viver!





APRESENTAMOS O POEMA

AMOR DO ALÉM

Por Wanda Rop

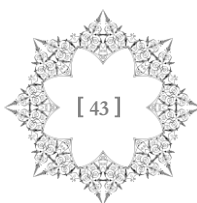
Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).

Meu poder vem do infinito
Onde meu grito não te alcança
Onde há amor e esperança
O que sou não é matéria

Sou uma luz que te ilumina
Sou uma chama que te queima
Sou o sussurro, espírito da madrugada em seu ouvido
A inspiração para seus atos

Olha aqui meu homem lindo
Guiarei o seu destino até a lua se apagar
Hoje estou aqui contigo, mas um dia não vou estar
Você me sente, seu amor não pode mais me tocar

Não há carne, só desejo
Em seu pensamento eu vivo, não poderá me esquecer
Seus olhos cheios de lágrimas da saudade infinita
Num repente, brota um sorriso
Você se lembrou de um de nossos momentos!





APRESENTAMOS O POEMA

DELÍRIO

Por Wanda Rop

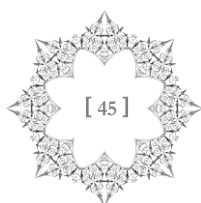
Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).

Murmúrio, silêncio
Há um vazio, falta você
Ilusão é pensar no seu amor
Pior é amá-lo tanto assim

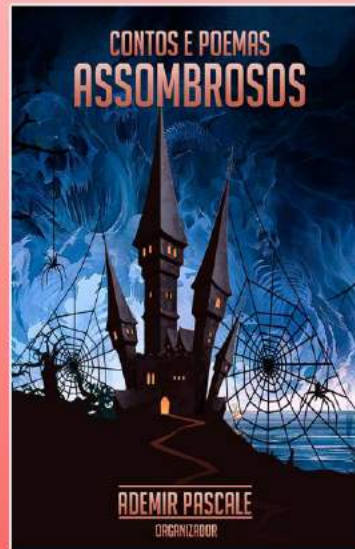
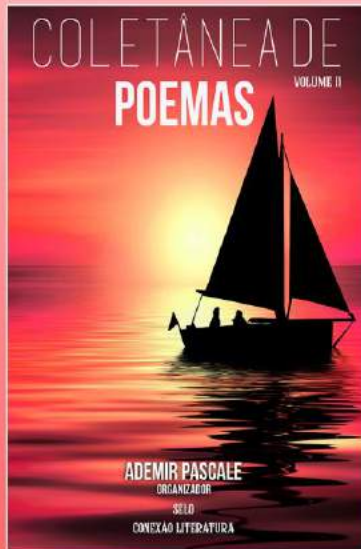
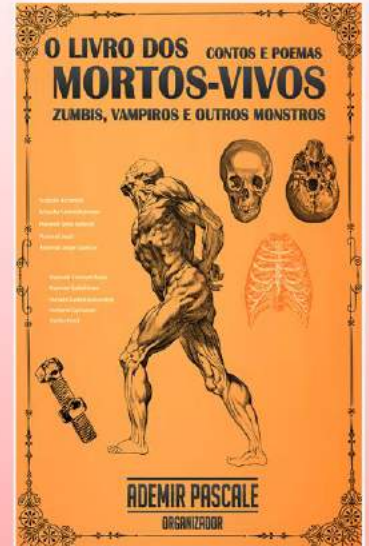
Dominaste o meu ser
Aprisionaste meu coração
Sentimentos ardentes, dor
Não consigo me libertar

Perco-me em desvarios
Num mundo somente de sonhos
Serei tua para sempre
Louca e apaixonada

Fuja da realidade cruel
Liberte seu coração para amar
Venha sonhar comigo, delirar
Viver ao meu lado este amor



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI